

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P. (S.P.I.C.)

A LUTA É A NOSSA MELHOR ESCOLA

O último grande movimento grevista de Lisboa foi rico em ensinamentos. Por isso o seu estudo é duma importância capital para a preparação das massas para os movimentos futuros. Devemos ter sempre em conta a divisa: **a luta é a nossa melhor escola.**

Este movimento indica-nos que amadurecem as condições em Portugal para grandes movimentos reivindicativos, não só de carácter económico como político. As próprias greves de Lisboa, que foram inicialmente movimentos reivindicativos **económicos**, se tornaram uma importante luta **política** contra o fascismo salazarista. O movimento de Lisboa e outros que têm ocorrido no resto do país são o sinal precursor da tempestade que se avizinha.

Se analisarmos o movimento no seu conjunto, verificamos que ele contém as características de todos os grandes movimentos de massas, ou seja: **unidade, combatividade e solidariedade.**

Unidade — O movimento foi revestido duma unidade poucas vezes verificada em movimentos anteriores. Na maioria das empresas, fábricas e oficinas que foram ao movimento, a paralização foi quase total, tendo apenas alguns elementos mais tímidos recedido abandonar o trabalho. Se tivermos em conta a deficiente preparação do movimento, podemos concluir que só esta

particularidade bastaria para nos demonstrar o grau de amadurecimento das massas para a luta.

Combatividade — As massas lançam-se a luta cheia de energia (particularmente as mulheres); em diversos locais há choques com a polícia; depois de alguns dias de greve os operários das Construções Navais presos mantêm-se activos; quando eram transportados nos caminhões da «Mitra» para as oficinas, custodiados pela polícia, mesmo assim, pediam a adesão dos outros trabalhadores.

Solidariedade — O movimento teve a simpatia do povo de Lisboa. A própria Guarda e Polícia Cívica mandados para reprimir os movimentos, deixaram transparecer a simpatia pelos mesmos. Em Lisboa não se falou noutra coisa. O povo sentia-se solidário com êsses milhares de trabalhadores que tiveram a audácia de romper o colete de forças que o salazarismo lhes impôs e se lançaram à luta para defenderem os seus direitos. Esta manifesta alegria e solidariedade do povo para com os combatentes são o indicio mais concludente do ódio que o povo sente contra o salazarismo. O agravamento da situação com a continuação da guerra virá ainda mais alargar esta solidariedade entre o povo.

São estas as três particularidades fundamentais que nos indicam que num futuro próximo outros

movimentos de maior amplitude poderão ser desencadeados. Se juntarmos a isto a experiência adquirida pelas massas de que podem lutar contra o salazarismo e vencê-lo, poderemos dar conta da importância do movimento e do que ele representa para o nosso Partido como vanguarda do proletariado e força que encabeça a luta emancipadora do povo português. Por isso todo o camarada deve analisar e discutir entre as massas em todos os seus pormenores as particularidades dos movimentos, para que as próprias massas dêem conta da importância que a análise do próprio movimento merece. Nesta análise e discussão não devemos esquecer também a análise dos pontos fracos do movimento. Por exemplo: a falta de preparação e direcção.

Preparação — Na maior parte dos locais onde houve paralisação os operários foram à luta mais pelo entusiasmo e solidariedade para com os operários de outras empresas, do que por uma preparação prévia do movimento. Nas Comissões X vias sentiu-se também essa falta e houve mesmo precipitação na eclosão do movimento. Depois da experiência da Carrs (posição colectiva dos trabalhadores) havia que levar o maior número de massas possível, pois só assim o salazarismo teria que recuar nessa situação. Os trabalhadores das construções não tiveram isto em conta e não prepararam as condições para que a paralisação noutras empresas se seguisse a esta. E isto não era difícil. Mesmo sem essa preparação, os trabalhadores de outras empresas secundaram o movimento.

O nosso Partido não soube tam-

bém impulsionar devidamente as massas. Tal como as condições se apresentavam, bastavam alguns milhares de manifestos bem distribuídos, expondo as causas do movimento, mostrando ser esse o momento de apresentar as reivindicações dentro de cada fábrica ou empresa, mostrando que a greve era o único meio de obter a satisfação dessas reivindicações, e pedindo a adesão de outras fábricas e empresas, para que o movimento tivesse sido mais homogéneo, tivesse maior amplitude e os resultados fôsem outros. Mas a falta de preparação sentiu-se, quer dentro de cada fábrica e empresa, quer no esforço para arrastar em geral as massas trabalhadoras à luta. A participação o mais vasta possível das massas é uma das condições para a vitória. A nossa acção em movimentos futuros deve ser conduzida nesse sentido. Devemos saber corrigir as nossas faltas.

Outra fraqueza foi a falta de **organização**. Em quasi todos os locais onde a paralisação se deu, as massas ficaram sem saber o que deviam fazer. Na maioria dos casos não se sentiu a actuação dum organismo dirigente. Os camaradas que mostraram capacidade para arrastar as massas à luta foram incapazes de constituir êsses organismos dirigentes: comités para tratar com os patrões; comités para orientar as massas no decurso do próprio movimento, que as esclarecessem, que lhes dessem ânimo, etc.; comités que entrelaçassem os movimentos das várias empresas e lhes dessem uma unidade de direcção. Neste particular, os nossos camaradas foram duma grande debilidade. Mas esta debilidade deve-se sobretudo à falta de experiência

dos nossos camaradas. Há 17 anos que o proletariado português se encontra comprimido no colete de forças do fascismo. Nestes 17 anos, dos antigos dirigentes operários uns envelheceram, não só na idade como nos métodos, outros desertaram, outros jazem nas masmorras salazaristas. Isto tinha que se fazer sentir na direcção do movimento. As forças jovens do proletariado português estão cheias de energia, mas falta-lhes a experiência e esta só se adquire na própria luta. O que se deu com estes nossos camaradas que arrastaram as massas à luta pela primeira vez, é o mesmo que se dá com qualquer ave que, quando criada, deixa o ninho: as primeiras tentativas para o abandonar são cheias de receio e o primeiro voo é sempre curto; mas logo que ganha confiança nas suas asas lança-se no espaço sem receio algum. O proletariado português, depois de 17 anos de chόco, fez a sua primeira tentativa s3ria mas com receio ainda. Nas lutas futuras 3le aparecer3 com mais aud3cia e me-

lhor compreens3o do seu papel. Compete, pois, aos comunistas, saberem estar 3 altura da sua miss3o.

O salazarismo est3 a fazer um grande esforço no sentido de reter a ascens3o das massas. A actividade f3bril desenvolvida nestes 3ltimos meses pelo Subsecret3rio das Corpora33es com a assinatura de contratos colectivos e a cria33o das caixas de ab3o de fam3lia visam atingir 3ste objectivo. A n3s compete fazer sentir 3s massas que os pequenos benef3cios que, em alguns casos, foram atingidos, foram conquistados atrav3s de luta e n3o porque o salazarismo se compadecesse das massas trabalhadoras.

S3 a luta conseguiu desemperrar a m3quina corporativa. S3 a luta poder3 estilhaç3-la. A conquista de mais p3o e liberdade para os trabalhadores tem que ser conseguida atrav3s de luta. Como dirigentes dos trabalhadores temos de fazer com que esta convic33o se arraigue no seu esp3rito. Esta deve ser a nossa principal arma contra a nova vaga de demagogia salazarista.

FORMEMOS POR TODA A PARTE COMIT3S DE UNIDADE NACIONAL

O Partido colocou a palavra de ordem: «Constituir Comit3s de Unidade Nacional». Todos os organismos do Partido devem empregar o m3ximo de esforços para materializar esta palavra de ordem. Como?

Queremos definir em primeiro lugar as caracter3sticas dos Comit3s de Unidade Nacional. Estes n3o s3o «grupos de conspiradores» concentrando a sua actividade em reuni33es clandestinas. N3o s3o «Comit3s de Enlace» (como tal foi compreendido erradamente no tempo da Frente Popular) com a preocu-

pa33o dominante de que estejam representadas 3s v3rias correntes pol3ticas. O objectivo que damos aos Comit3s de Unidade Nacional 3 organizar e dirigir as lutas populares contra o fascismo. Queremos que cada Comit3 de Unidade Nacional seja um organismo activo ligado 3s massas, dirigindo as massas. A designa33o «Comit3s de Unidade Nacional» 3 por n3s utilizada apenas para definirmos politicamente o que ser3o 3ses organismos. Mas isto n3o quer dizer que tais organismos utilizem 3sse nome e, na generalidade dos casos, podem mesmo

os componentes dum Comité de Unidade Nacional ignorar que o organismo a que pertencem se efectivamente um «Comité de Unidade Nacional».

Para que um tal Comité cumpra a sua finalidade é necessário que preencha as seguintes condições:

1.º — Ser constituído com o fim directo de organizar e dirigir determinado movimento ou luta, que tanto pode ser um movimento reivindicativo da classe operária, como pode ser um movimento local contra violências fascistas, como um movimento de resistência contra a requisição de géneros, como um movimento estudantil, como qualquer outro movimento dirigido contra qualquer outro aspecto da política fascista.

2.º — Ser constituído por indivíduos com prestígio, firmeza e dispostos a lutar, quaisquer que sejam as suas convicções políticas ou religiosas, nada interessando que sejam comunistas, ca-

tólicos, republicanos ou mesmo legionários, interessando unicamente que sejam sérios e estejam dispostos a lutar.

3.º — Ligar a sua actividade diária às massas interessadas no movimento ou luta concreta que se dispõe a organizar e dirigir, não agindo separadamente das massas mas, pelo contrário, criando ambiente entre as massas, ganhando o apoio das massas, sendo mesmo em certos casos eleito pelas massas, levando pelo seu próprio trabalho as massas a aceitarem a sua direcção.

Estas são as características fundamentais dos Comités de Unidade Nacional que os organismos do Partido se devem esforçar por constituir. Isto quer dizer que tais Comités podem, conforme os casos, ser legais, semi-legais ou ilegais.

Em outros números de «O militante» daremos vários exemplos de Comités de Unidade Nacional que podem e devem ser constituídos.

TRABALHO CONSPIRATIVO

Há um aspecto do trabalho conspirativo que queremos hoje tratar.

É muito frequente que camaradas e amigos nossos conheçam de vista agentes da P.V.D.E. ou indivíduos que lhes prestam serviço. Esses camaradas ou amigos devem comunicar-nos, quando possível, as moradas e sinais característicos desses indivíduos, tais como: feições, estatura, fato com que geralmente andam, chapéu, gravata, calçado, etc. Devem igualmente comunicar-nos os sítios onde param, os indivíduos com quem costumam andar, e.c.

Se desconhecem a sua morada, devem procurar sabê-la, aprovei-

tando uma oportunidade, seguindo-os até à sua residência, ou de qualquer outra forma, mas com as devidas precauções.

Sempre que os vejam em sítios que não são habitualmente frequentados por eles, o que nos leva a admitir que estão a fazer serviço, devem os nossos camaradas (não responsáveis) e amigos procurar averiguar o que eles fazem nesse local, vigiando-os ou seguindo-os e comunicando-nos todos os pormenores observados, por insignificantes que pareçam.

Todos estes informes devem ser-nos enviados por escrito, para evitar possíveis deturpações compre-

síveis com a transmissão verbal por várias pessoas, tomando-e, é claro, os devidos cuidados, tanto com a letra como com os informes que possam localizar a pessoa que os envia.

Se todos os nossos camaradas e amigos se dispuserem a dispensar, um pouco que seja, dos seus cuidados para esta tarefa, será dum

utilidade enorme para todo o nosso trabalho conspirativo, permitindo-nos prevenir possíveis desastres ou localizar possíveis provocadores.

Esperamos que os nossos camaradas compreenderão a necessidade e urgência desta tarefa, e que **passarão a dedicar-lhe a devida atenção.**

DISCIPLINA PARTIDÁRIA

O Secretariado torna pública a seguinte resolução:

O membro do Partido J. foi indicado por dois camaradas responsáveis, que mais de perto conheciam a sua actividade, como camarada capaz de executar uma tarefa de responsabilidade, cujo cumprimento implicava que deixasse de se encontrar com a família e abandonasse as suas relações pessoais enquanto a Direcção do Partido o entendesse. A J. foram comunicadas todas as condições em que devia executar essa tarefa bem como os sacrifícios que lhe eram exigidos. J. aceitou essa tarefa e comprometeu-se a cumprir o que lhe fora determinado.

Posteriormente, durante o período em que cumpriu essa tarefa, J., sem conhecimento da Direcção do Partido e contra o que fora determinado, cometeu inúmeras faltas de ordem conspirativa, encontrou-se com a família e com a camarada e acabou por abandonar a actividade de que fora incumbido, a pretexto de que a polícia estava prestes a descobrir essa actividade. O mais grave entretanto é que, logo que abandonou essa actividade, deu conhecimento dela a camaradas que não eram da Direcção do Partido e mesmo a simpatizantes. J. divulgou aspectos altamente conspi-

rativos da actividade do Partido, pondo assim em risco a segurança de alguns camaradas.

O Secretariado entende que este caso se não deve repetir e que devem de futuro ser observadas as seguintes decisões:

1—Nenhum camarada poderá ser chamado a tarefas directamente ligadas à actividade do CC, sem que o Secretariado tenha informações muito precisas de toda a actividade revolucionária anterior dessa camarada bem como da sua vida social e privada.

2—Os camaradas que indicam um camarada para qualquer dessas tarefas, tomam responsabilidade dessa indicação perante o CC.

O Secretariado entende que não deve passar por cima deste caso e resolve:

1—Autocriticar-se pelo facto de não ter exigido que lhe fossem directamente dadas indicações acerca de J. e ter-se satisfeito com a opinião dos camaradas que o indicaram.

2—Chamar a atenção dos camaradas que indicaram J., como sendo elemento conveniente para a tarefa que lhe foi destinada, para que sintam a leviandade com que indicaram J. e para de futuro serem mais cautelosos,

3—Expulsar J. do Partido, dan-

do-lhe contudo possibilidades, dada a sua pouca idade e inexperiência, de reingressar no Partido, desde que de tal se mostre digno pela sua conduta futura.

Ainda neste caso o Secretariado está averiguando da responsabilidade do camarada E., que pelos seus conselhos a J., facilitou-lhe a sua má conduta.

DISTRIBUIÇÃO DE IMPRENSA

Muitos dos nossos camaradas não têm dado a devida importância à tarefa, já aqui assinalada várias vezes, de que nos sejam comunicadas as localidades, empresas, ou outros sítios para onde enviam a nossa imprensa.

Este descuido leva a que não seja possível aproveitar, no sentido orgânico, as possibilidades criadas pela difusão da nossa imprensa. Por outro lado, algumas vezes acontece que essa distribuição é origem da paralisação do desenvolvimento do trabalho propriamente partidário. Assim acontece, por exemplo, na empresa X onde é distribuída uma quantidade apreciável da nossa imprensa. Os nossos camaradas, porém, não podem aproveitar as possibilidades que lhes daria o controle dessa distribuição que é feita por vários condutos. Acontece também, algumas vezes, que por esta razão ela chega às mãos de indivíduos cuja conduta no local do trabalho não é das mais recomendáveis.

Também em determinada locali-

dade, devido aos cuidados necessários a tomar com o envio da imprensa, esta só chega alguns dias depois de ter sido distribuída em Lisboa; mas, como acontece que desta cidade ela é enviada para ali pelo correio — inéquo possível para um ou dois jornais e para uma vez ou outra mas não para um envio regular e periódico — a nossa imprensa chega primeiro às mãos de simpatizantes do que dos membros do Partido, prejudicando, como é fácil de ver, o trabalho dos nossos camaradas.

Urge, pois, que os nossos camaradas nos informem para onde enviam a imprensa a fim de se estudar a possibilidade de **unificação da distribuição dentro do mesmo local**, para se tirar um maior rendimento político e organizativo da nossa agitação e impedir ao mesmo tempo que a nossa imprensa chegue às mãos de pessoas indesejáveis no local do trabalho ou localidade, e assim evitar possíveis desastres.

ORGANIZEMOS

A LUTA CONTRA A FALTA DE GÊNEROS

Nenhuma organização e nenhum camarada do Partido deve descurar a tarefa de materializar as palavras de ordem lançadas no «Avante» e no manifesto sobre a falta de gêneros.

Será na medida em que os nossos camaradas saibam organizar essa luta que se desenvolverá, num sentido político, a resistência popular

contra a política de fome do salazarismo. Por um lado organizar movimentos de protesto, reclamações, resistências, etc. Por outro lado, saber aproveitar os movimentos espontâneos de descontentamento popular orientando-os num sentido prático para a solução dos problemas que originam cada caso concreto de descontentamento.